

# ***A PEDRA NOSSA DE CADA DIA***<sup>1</sup>

## **Apontamentos sobre trabalho humano e psicologia analítica**

**Autora:** Tatiana Maria Sanchez

Psicóloga Clínica e Psicoterapeuta – CRP 06/56193  
Especialista em Abordagem Junguiana pela PUC-SP.

### **Resumo:**

A proposta deste artigo é propor a exploração de alguns aspectos em torno da vivência do contexto do trabalho humano a partir do mito de Sísifo, utilizando alguns referenciais oferecidos da Psicologia Analítica. Por considerarmos o tema do trabalho de grande relevância na atualidade, percorremos a obra de Jung em busca de alguns referenciais que nos auxiliassem nessa análise, embora este faça raras referências diretas ao termo. Diversas noções foram encontradas que auxiliam o entendimento do trabalho dentro do processo de desenvolvimento da consciência e da cultura no ser humano, inclusive como algo que propõe um convite ao processo de individuação. O mito de Sísifo é analisado, a partir desse pano de fundo, como imagem de algumas das possíveis relações do homem com seu trabalho.

**Palavras-Chave:** trabalho humano, processo de individuação, mito de Sísifo, oposição individuação e cultura, significado.

---

<sup>1</sup> Publicação Original: SANCHEZ, T. M.. A pedra nossa de cada dia: apontamentos sobre trabalho humano e psicologia analítica. **Hermes** (São Paulo), v. 17, p. 60-71, 2012.

A proposta deste artigo será explorar alguns aspectos em torno da vivência do contexto do trabalho a partir do mito de Sísifo, utilizando alguns referenciais oferecidos pela Psicologia Analítica.

## JUNG E O TRABALHO

Há poucas referências na obra de Jung em relação à questão do trabalho humano enquanto uma categoria específica a ser analisada. Por considerarmos o tema de grande relevância na atualidade, decidimos explorar em sua obra algumas dessas referências, assim como destacar alguns de seus conceitos que podem auxiliar no desenvolvimento de nossa reflexão.

### Trabalho como conexão com a realidade

No capítulo 'Confronto com o inconsciente' do livro "Memórias, sonhos e reflexões" (JUNG, 1975), Jung cita claramente o quanto a necessidade e a manutenção de um vínculo com o trabalho e a família, foram fundamentais para manter sua própria sanidade dentro do processo de relação que foi estabelecendo com seus conteúdos internos:

Naturalmente, nessa época em que trabalhava em torno das minhas fantasias, senti a necessidade de um "apoio neste mundo": ele me foi dado por minha família e pelo trabalho. Era vital e necessário levar uma vida ordenada e racional como contrapeso à singularidade do meu mundo interior. A família e a profissão permaneceram para mim uma base à qual eu sempre podia regressar, provando que eu era realmente um homem existente e banal. [...]

Assim é que minha família e minha profissão sempre foram uma realidade dispensadora de felicidade e a garantia de que eu existia de uma forma normal e verdadeira. (JUNG, 1975, p.168)

Assim, podemos ver a relação de Jung com seu próprio trabalho e profissão como uma espécie de ancoragem na realidade compartilhada, de existência no mundo e na sociedade. Dessa forma, o trabalho pode ser entendido como propiciador de um vínculo fundamental do indivíduo com o mundo exterior, fornecendo um sentido de existência, normalidade e realidade.

### Trabalho enquanto resultado dos instintos humanos

No texto 'Determinantes psicológicas do comportamento humano' (JUNG, 2011a), vemos o desenvolvimento de sua conceituação da libido enquanto energia psíquica, no qual faz o esforço de demonstrar a diferença de sua compreensão do conceito de libido em relação à compreensão de Freud.

Nele, desenvolve o conceito de "instinto psiquificado", no qual relaciona o instinto de natureza biológica com a realidade psíquica humana, entendendo que: "O instinto como fenômeno psíquico seria uma assimilação do estímulo [extrapsíquico] a uma estrutura psíquica complexa que eu chamo psiquificação" (JUNG, 2011a, p.61). A partir disso, do ponto de vista psicológico, Jung distingue cinco grupos de fatores instintivos: fome, sexualidade, ação ou atividade, reflexão e criatividade.

Jung considera o instinto de reflexão como o que mais caracteriza a psique humana e sua riqueza. Através dele ocorreria um processo de canalização do estímulo instintivo, interrompendo sua compulsividade. Através dele, também esse processo de excitação se transforma em conteúdo psíquico, em experiência, "um processo natural transformado em um conteúdo consciente" (JUNG, 2011a, p.63). O instinto

reflexivo, portanto, é “o instinto cultural par excellence, e sua força se revela na maneira como a cultura se afirma em face da natureza” (JUNG, 2011a, p.63).

A partir dessa idéia, podemos relacionar o trabalho humano (enquanto fruto da cultura) como resultado do instinto reflexivo e irmos além, considerando os instintos para ação e para criatividade como também envolvidos nesse campo. Ainda podemos pensar se a realização de um trabalho que possa unir todos estes instintos, principalmente a criatividade, levaria ao que entenderíamos como ‘trabalho com significado’, o que exploraremos mais adiante.

### Trabalho enquanto resultado da unilateralidade psíquica

O ser humano, na concepção da Psicologia Analítica, é uma totalidade psíquica que abarca as instâncias do consciente e do inconsciente. Ambos formam uma grande oposição complementar, que é o modelo de diversas outras oposições da psique humana. A consciência e seus componentes se desenvolvem a partir do inconsciente, havendo uma relação estreita entre o seu processo de desenvolvimento e o desenvolvimento da cultura, no qual acontece a produção de trabalho. No texto ‘A função transcendente’ lemos:

A natureza determinada e dirigida da consciência é uma aquisição extremamente importante que custou à humanidade os mais pesados sacrifícios, mas que, por seu lado, prestou o mais alto serviço à humanidade. Sem ela a Ciência, a técnica e a civilização seriam simplesmente impossíveis, porque todas elas pressupõem persistência, regularidade e intencionalidade fidedignas do processo psíquico. Estas qualidades são absolutamente necessárias para todas as competências, desde o funcionário mais altamente colocado, até o médico, o engenheiro e mesmo o simples "bóia-fria". (JUNG, 2011a, p.14)

Ao mesmo tempo em que a cultura (para Jung o equivalente a civilização) é valorizada e necessária, ela é fruto de um processo de unilateralização psíquica, no qual ocorre a valorização dos processos conscientes. Tal valorização, sendo fruto de um cisão psíquica, pode ser fonte de grandes prejuízos, caso não seja devidamente “compensada”:

A unilateralidade é uma característica inevitável, porque necessária, do processo dirigido, pois direção implica unilateralidade [...]. Nossa vida civilizada exige uma atividade concentrada e dirigida da consciência, acarretando, deste modo, o risco de um considerável distanciamento do inconsciente. Quanto mais capazes formos de nos afastar do inconsciente por um funcionamento dirigido, tanto maior é a possibilidade de surgir uma forte contraposição, a qual, quando irrompe, pode ter conseqüências desagradáveis. (JUNG, 2011a, p.15-6)

Através desses trechos, observamos uma forma pela qual Jung compreende o psiquismo humano e o que vê como sua grande oposição inevitável (e quase sempre conflituosa), basicamente definida em torno da relação consciente X inconsciente. De certa forma, sua obra e mesmo sua vida podem ser vistos como a busca de uma conciliação entre essas instâncias.

Em seu livro “A energia psíquica” (JUNG, 2012) busca desenvolver o conceito de libido enquanto energia psíquica de caráter neutro, podendo assumir muitas formas. Encontramos aqui, também, algumas de suas idéias a respeito do desenvolvimento da consciência a partir de um necessário processo de afastamento dos processos

inconscientes e da natureza biológica. Neste livro encontramos alguns de seus poucos apontamentos explícitos sobre a produção de trabalho humano:

Na natureza entregue a ela mesma (pura), a energia se transforma de acordo com seu fluxo natural, e com isso gera fenômenos naturais, mas sem nenhum “rendimento de trabalho”. Quando entregue a si mesmo, o ser humano também vive dessa maneira, como fenômeno natural, por assim dizer, sem produzir trabalho, no sentido próprio da palavra. Mas a cultura representa a máquina, através da qual o declive natural é utilizado para produzir trabalho. O próprio fato de o ser humano ter inventado essa máquina deve estar profundamente arraigado em sua natureza [...]

Da mesma forma o ser humano conseguiu inventar uma turbina, conduzir um rio para ela, e a partir da energia dinâmica assim obtida gerar eletricidade capaz de múltiplo aproveitamento, ele também conseguiu transferir o instinto natural – que escoava de acordo com seu declive sem realizar trabalho – através de uma máquina, a outra forma dinâmica que possibilita uma realização de trabalho. (JUNG, 2012, p.54-5)

### Trabalho e desenvolvimento psíquico

O processo de desenvolvimento da consciência e do ego, enquanto centro dessa consciência, traz também a criação da ‘persona’:

O termo deriva da palavra latina para máscara usada por atores na época clássica. Daí, persona refere-se à máscara ou face que uma pessoa põe para confrontar o mundo. A persona pode se referir à identidade sexual, um estágio de desenvolvimento (tal como a adolescência), um status social, um trabalho ou profissão. Durante toda uma vida, muitas personas serão usadas e diversas podem ser combinadas em qualquer momento específico.

A concepção, de Jung, da persona é a de um arquétipo, significando, neste contexto, que existe uma inevitabilidade e ubiqüidade para a persona. Em qualquer sociedade, um meio de facilitar o relacionamento e o intercâmbio é exigido; essa função é parcialmente efetuada pelas personas dos indivíduos em questão. Diferentes culturas estabelecerão diferentes critérios para a persona e haverá alteração e evolução ao longo do tempo uma vez que o padrão arquetípico subjacente é suscetível de variação infinita. Às vezes, a persona é referida como o “arquétipo social”, envolvendo todos os compromissos próprios para se viver em uma comunidade. (SAMUELS et al, 1988)

A persona pode ser compreendida, então, como um elemento da personalidade cuja principal função seria favorecer a adaptação do indivíduo ao mundo. Tendo estreita relação com o social, consideramos que esse conceito fornece elementos interessantes para se refletir sobre as formas pelas quais o ser humano vivencia o trabalho, se o considerarmos como uma situação social que, no mundo contemporâneo, se apresenta inevitavelmente de alguma forma a todas as pessoas. Realizar um trabalho e/ou ter uma profissão é uma forma de adaptação ao meio, tanto no sentido de sustento material como na aquisição de um lugar social, no qual será necessário desenvolver algum tipo de comunicação e relação com um outro, que demanda determinadas expectativas de ação e respostas adequadas àquele papel:

Temos que aprender a nos adaptar às exigências culturais e coletivas em conformidade com nosso papel na sociedade – com nossa ocupação ou profissão e posição social – e ainda ser nós

mesmos. Precisamos desenvolver tanto uma máscara de persona quanto um ego adequados. (WHITMONT, 1995, p.140)

A questão da adaptação social, também pode ser vista quando Jung (2012) descreve os movimentos de regressão e progressão como fundamentais dentro de sua teoria da libido. Em sua visão, a psique se desenvolve através de um movimento dinâmico da libido (ou energia psíquica) que circularia entre a adaptação ao mundo exterior (progressão) e a adaptação ao mundo interior (regressão):

Da essência da visão energética não se deduz que deva haver uma progressão e regressão da libido, mas apenas que deve haver transformações equivalentes, pois a energética só se vê o *quantum*, jamais explica o *quale*. [...]

A progressão, enquanto processo ininterrupto de adaptação às condições do ambiente, fundamenta-se na necessidade vital da adaptação. Esta necessidade impõe a orientação absoluta para as condições do ambiente e a repressão de todas as tendências e possibilidades que estão a serviço da individuação [...]

A regressão, por seu lado, enquanto adaptação às condições do próprio mundo interior, fundamenta-se na necessidade vital de atender às exigências da individuação. A pessoa humana não é uma máquina, no sentido de poder ter um rendimento de trabalho constante [...] ( JUNG, 2012, p.51)

No entanto, se faz necessário lembrarmos que, na concepção de Jung, a personalidade humana não coincide com o eu ou com o consciente. A instância do inconsciente é uma realidade anterior e que influi diretamente no desenvolvimento da consciência, o que traz uma noção de personalidade como resultado da interação entre ambas as instâncias psíquicas.

O grande paradigma de desenvolvimento para Jung é o que chamou de processo de individuação. Este conceito é bastante amplo e teve diversas formulações ao longo de sua obra. Para nosso tema, trabalharemos a partir de da seguinte definição:

Individuação significa tornar-se um ser único, na medida em que por "individualidade" entendermos nossa singularidade mais íntima, última e incomparável, significando também que nos tornamos o nosso próprio si-mesmo. Podemos pois traduzir "individuação" como "tornar-se si-mesmo" (Verselbstung) ou "o realizar-se do si-mesmo" (Selbstverwirklichung). (JUNG, 2011b, p.63)

O termo Si-mesmo ou Self é utilizado por Jung, segundo Tardan-Masquelier (1994), de acordo com sua origem na palavra indiana atman, que quer dizer "literalmente 'Si', 'si-mesmo', e que designa, nos textos saídos do vedismo antigo, a pessoa verdadeira cujo eu é tão-somente um revestimento, um epifenômeno, uma cristalização acidental" (TARDAN-MASQUELIER, 1994, p.71), ou seja, o termo não designa especialmente a instância do eu, como seria compreendido por outras teorias psicológicas, mas sim a 'pessoa verdadeira' que, no seu entendimento, está além e aquém do eu e da consciência.

Há nesta proposta a idéia de uma 'auto-regulação psíquica', e da existência de dois centros psíquicos: o da consciência (ego) e o do inconsciente (Si-mesmo) que se inter-relacionam. O Si-mesmo, porém, é compreendido por Jung como uma instância que organiza, conduz e integra as demais instâncias psíquicas, incluindo o eu. Portanto, o processo do 'tornar-se si-mesmo' da individuação precisa ser compreendido dentro desta formulação mais complexa e o indivíduo entendido enquanto totalidade psíquica.

Como vemos a partir das idéias até então desenvolvidas, há uma relação estreita entre o processo de desenvolvimento psíquico e o desenvolvimento da cultura.

A questão da relação entre individualismo, individuação e coletividade dentro da obra junguiana se mostra também bastante complexa e pode nos levar a diversos questionamentos. Um deles é sobre como se daria o processo de adaptação da libido, em seus movimentos de Progressão e Regressão por exemplo, diante das demandas e dificuldades do mundo atual, outro é sobre até que ponto se consegue manter o equilíbrio saudável entre o 'ser você mesmo' (dentro dos parâmetros junguianos) e o 'ser o que o mundo solicita'. Sobre essa oposição de demandas Jung coloca:

A tensão leva ao conflito; o conflito leva à tentativa de reprimir-se reciprocamente, e, quando se consegue suprimir o partido oposto, instala-se a dissociação, a "cisão da personalidade", o desacordo consigo mesmo, criando assim a possibilidade da neurose. Os atos resultantes deste estado são descoordenados, i.e., patológicos, e adquirem o aspecto de ações sintomáticas [...] (JUNG, 2012, p.45)

Se, por um lado, encontramos em diversas passagens dos textos de Jung uma tendência a contrapor o processo de individuação e adaptação social, enquanto um sendo mais impeditivo que cooperativo com o outro, em outros trechos também encontramos uma noção de que a adaptação social relativa é fundamental para o indivíduo em seu desenvolvimento e também de que a individuação não implica em individualismo e, portanto, em algo contrário à vida em comunidade:

A pessoa humana [...] só pode corresponder à necessidade externa se também estiver ajustada ao seu próprio mundo interno, isto é, se estiver em harmonia consigo mesma. E, inversamente, ela só pode ajustar-se a seu próprio mundo interno e alcançar a harmonia consigo mesma se também estiver adaptada às condições ambiente. (JUNG, 2012, p.51-2)

Individualismo significa acentuar e dar ênfase deliberada a supostas peculiaridades, em oposição a considerações e obrigações coletivas. A individuação, no entanto, significa precisamente a realização melhor e mais completa das qualidades coletivas do ser humano; é a consideração adequada e não o esquecimento das peculiaridades individuais, o fator determinante de um melhor rendimento social. [...] A individuação, portanto, só pode significar um processo de desenvolvimento psicológico que faculte a realização das qualidades individuais dadas; em outras palavras, é um processo mediante o qual um homem se torna o ser único que de fato é. (JUNG, 2011b, p.63-4)

Dessa forma, a individuação se torna um processo no qual o indivíduo se diferencia efetivamente do mundo social, desenvolvendo plenamente potenciais próprios mas não necessariamente se afastando desse mundo. Tendemos a avaliar que, até muito ao contrário, exista a necessidade freqüente de ir ao encontro do social, pois nele a psique encontra a complementação do seu processo de desenvolvimento, como uma espécie de gangorra que precisa de peso dos dois lados para que a brincadeira aconteça, tal encontro põe a psique em movimento constante, levando ao seu crescimento:

Não podemos individuar sem outros seres humanos. Não podemos individuar no cume do Monte Evereste ou numa caverna onde não vemos ninguém durante 70 anos. Só podemos individuar com ou contra alguém ou alguma coisa. (JUNG apud BERNARDI, 2011)

Mergulhados nestas oposições tão complementares do processo de desenvolvimento psíquico, propomos uma visão em que a busca por uma profissão, os ambientes de trabalho e o próprio fazer diário do trabalhador, sejam percebidos como espaços do mundo que demandam relação, adaptação e socialização, e que,

nesse processo, ao solicitarem a utilização de recursos pessoais de resposta, são um grande convite à individuação.

## O MITO COMO IMAGEM DA EXPERIÊNCIA POSSÍVEL

Correndo certos riscos nesta análise, partiremos da visão de Hillman (2010) que, ao propor o “psicologizar” através da mitologia, destaca que tal processo não leva a uma certeza, validação ou objetivação de qualquer espécie sobre o evento a ser levando em consideração e nos diz que:

A revelação do mito nos eventos confirma a ambigüidade, não a resolve. O mito move-se rumo ao significado meramente ao nos tirar das objetividades literais, e o lugar para onde o mito nos carrega não é nem mesmo um significado central, ou o centro do significado onde as coisas são supostamente sentidas como certas. Ao invés disso, hesitamos em perplexidade na borda onde estão as verdadeiras profundidades. Mais do que um incremento de certeza, há uma expansão de mistério, o qual é tanto a precondição quanto a consequência da revelação. (HILLMAN, 2010, p.280)

Para realizarmos nossa exploração do mito de Sísifo, como imagem de algumas possibilidades de relação com o trabalho, nada melhor do que uma descrição do mito que permita um relacionamento com sua imagem:

Sísifo, o mais solerte e audacioso dos mortais, conseguiu por duas vezes livrar-se da Morte. Quando Zeus raptou Egina, filha do rio Asopo, foi visto por Sísifo, que, em troca de uma fonte concedida pelo deus-rio, contou-lhe que o raptor da filha fora Zeus. Este, imediatamente, enviou-lhe Tânatos, mas o astuto Sísifo enleou-o de tal maneira, que conseguiu encadeá-lo. Como não morresse mais ninguém, e o rico e sombrio reino de Hades estivesse se empobrecendo, a uma queixa de Plutão, Zeus interveio e libertou Tânatos, cuja primeira vítima foi Sísifo. O astucioso rei de Corinto, no entanto, antes de morrer, pediu à mulher que não lhe prestasse as devidas honras fúnebres. Chegando ao Hades sem o "revestimento" habitual, isto é, sem ser um eídon, Plutão perguntou-lhe o motivo de tamanho sacrilégio. O solerte filho de Éolo mentirosamente culpou a esposa de impiedade e, à força de súplicas, conseguiu permissão para voltar rapidamente à terra, a fim de castigar severamente a companheira.

Uma vez em seu reino, o rei de Corinto não mais se preocupou em cumprir a palavra empenhada com Plutão e deixou-se ficar, vivendo até avançada idade. Um dia, porém, Tânatos veio buscá-lo em definitivo e os deuses o castigaram impiedosamente, condenando-o a rolar um bloco de pedra montanha acima. Mal chegado ao cume, o bloco rola montanha abaixo, puxado por seu próprio peso. Sísifo recomeça a tarefa, que há de durar para sempre. (BRANDÃO, 1998, p.226)

É bastante possível ouvir em uma conversa entre pessoas comuns uma referência, geralmente negativa, entre a figura de Sísifo e o trabalho, sendo que a encontramos até no dicionário de língua portuguesa, dentro do verbete trabalho: “**t.de Sísifo** trabalho estafante e inútil, pois, uma vez acabado, tem de ser recomeçado [Segundo lenda grega, Sísifo foi um rei condenado a rolar interminavelmente uma pedra encosta acima]” (HOUAISS et al, 2009, destaque do autor)<sup>2</sup>.

---

<sup>2</sup> Encontramos o próprio Jung utilizando a expressão nesse sentido ao falar sobre a questão do por que os homens têm problemas: “Não farei trabalho de Sísifo, nesta obra-prima de confusão, mas tentarei, simplesmente, apresentar minha contribuição para a solução desta questão básica”. (JUNG, 2011a, p.345).

O termo trabalho é polissêmico e, utilizado tanto na linguagem do dia-a-dia como na acadêmica, veio adquirindo diversos sentidos ao longo da história humana, que vão desde uma noção profundamente negativa ligada a castigo e escravidão até o status de valor central dentro da ética protestante e do marxismo. Adotaremos, para nossa análise, uma definição geral de trabalho enquanto qualquer tipo de esforço humano que envolve alguma forma de transformação do mundo, a partir da qual o indivíduo obtém uma remuneração que lhe traz sobrevivência material e um lugar social.

Consideramos o trabalho como uma atividade humana que é fundamental na definição do homem em nossa sociedade atual, compartilhando da análise de autores da sociologia e da psicologia social, na qual o trabalho tem sua centralidade garantida na vida do ser humano, tanto em seu contexto social quanto em termos de sua subjetividade (LESSA, 2002; LIMA, 2007). Numa sociedade pautada pelo mérito produtivo, a inserção no trabalho na vida adulta, torna-se um valor fundamental não só na auto-consideração do indivíduo como no seu valor social, uma consequência lógica do que seria considerado uma “vida adaptada e normal” (CATTANI E HOLZMANN, 2006).

O trabalho pode ser visto através de diversas dimensões, mas sempre guarda uma dualidade que o funda ontologicamente:

- realização de uma obra que seja expressão da vida humana e traga reconhecimento e permanência, ou seja, inscrição social e possibilidade de construção de uma história: TRABALHO como EMANCIPAÇÃO (gerador de vida);

[e]

- esforço rotineiro e repetitivo, sem reconhecimento, nem permanência, mera realização de uma atividade que não deixa vestígios, nem produto final, não faz história, que aproxima o homem do animal e reduz a subjetividade humana à sua dimensão real mínima (a dimensão fisiológica) desconectando, então, as dimensões temporais de passado, presente e futuro e impedindo a construção de projetos de vida: TRABALHO como ROBOTIZAÇÃO (gerador de vazio existencial e doenças) (RIBEIRO, 2010, p.333–)

Foge ao alcance desse texto, realizar um aprofundamento a respeito da história e mesmo sobre as modificações ocorridas nas últimas décadas no mundo do trabalho. Porém cabe ressaltar que a categoria trabalho tem sido foco de inúmeros debates contemporâneos e assunto de uma variedade de pesquisas, publicações e eventos científicos, em diversos campos de estudo que buscam explorar, discutir e analisar a relação do homem com o mundo do trabalho dentro de sua complexidade e heterogeneidade cada vez mais crescente. O que podemos observar é que, sendo esse campo de estudo complexo, repleto de variáveis e conflitos, acaba por expor também um terreno fértil para o desenvolvimento de diversas patologias físicas e mentais, assim como demonstra ser de grande influência na formação da subjetividade e da cultura contemporânea<sup>3</sup>.

A questão colocada anteriormente, sobre o conflito entre demandas psíquicas dentro da perspectiva junguiana, se coloca dentro desse cenário, no qual olhamos a inserção do trabalho na vida do indivíduo em seu processo de individuação. Como lidar com o conflito entre as demandas externas de um mundo do trabalho em “frangalhos” (se considerarmos, por exemplo, aspectos como a precarização do

---

<sup>3</sup> Ver por exemplo: Antunes, R. *Os sentidos do trabalho: ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho*. São Paulo: Boitempo, 1999; Dejours, C. *A loucura do trabalho: estudo de psicopatologia do trabalho*. São Paulo: Cortez/Oboré, 2008; Sennett, R. *A corrosão do caráter: as consequências pessoais do trabalho no novo capitalismo*. Rio de Janeiro: Record, 1998; Lima, L.M.A.C. O sofrimento psíquico e as psicopatologias laborais em face das novas relações de trabalho: uma abordagem introdutória. *REUNA*, 13 (1), 11-18, 2008.

emprego, o próprio desemprego, alta competitividade, exigência de alto desempenho), e as demandas internas do indivíduo (como, por exemplo, o desejo de obter uma remuneração “justa”, de realização, satisfação, reconhecimento e exercício de criatividade) ?

Partindo desta perspectiva de conflito consideraremos então o mito de Sísifo como uma imagem possível de alguns aspectos da relação do ser humano com seu trabalho na contemporaneidade.

Como seria a experiência desse aspecto da vida como o mito de Sísifo? Que aspecto da história se ilustra na vida do trabalho? Quais dificuldades surgiriam dessa vivência?

Não temos aqui o heroísmo grandioso dos trabalhos de Hércules, Teseu ou a Odisséia de um Ulisses. No máximo poderíamos imaginar uma espécie de herói trágico, como outros mitos gregos, nos quais a figura central é condenada a algum tipo de trabalho pela eternidade, a maioria sem redenção.

A história traz uma situação de busca desenfreada pela vida, que chega a enganar a morte, mas que tem o seu limite. Afinal, um mortal não pode escapar da morte por definição (não para sempre, diz o mito). Há um castigo, uma punição pela pretensão e pela atitude.

O castigo traz a imagem de uma eterna repetição infrutífera, da falta de criatividade, do aprisionamento. Um esforço descomunal que precisa ser repetido “para sempre”. Subir e descer. Curiosamente, o mito não fala em desmotivação, cansaço ou desistência da tarefa ou mesmo em rebeldia. Traz a sensação de aceitação passiva por parte de Sísifo, como se toda sua ousadia anterior, enganando a própria morte, tivesse sido revertida numa atitude de resignação por culpa. Peso, movimento, repetição e aceitação.

Imaginamos que bem poderia ser esta uma sensação presente aos trabalhadores que, conscientes ou não de suas insatisfações com suas profissões e/ou com seus lugares de trabalho, acreditam e vivem a sensação de falta de opção e a necessidade de submissão. Levados possivelmente pela insegurança sobre o mercado de trabalho, pela necessidade de sustento material, pela falta de confiança em suas próprias capacidades e de coragem para experimentar novas atitudes e situações.

Assim imaginada e identificada a experiência de Sísifo, vemos uma significação da situação de trabalho em seus aspectos de condenação e castigo e não com suas possibilidades de realização, transformando e oferecendo algo ao mundo ou criando significados na relação com a realidade. Nesse sentido vemos a representação da dimensão do trabalho, tal qual citada anteriormente, “como ROBOTIZAÇÃO (gerador de vazio existencial e doenças)” (RIBEIRO, 2010, p.333).

Utilizando a idéia dos cinco instintos para Jung (2011a) seria como se o trabalho tivesse se tornado fruto apenas do instinto para atividade, sem conexão com a reflexão ou a criatividade. Ou ainda, dentro do movimento da libido de progressão e regressão (Jung, 2012), como se só houvesse adaptação ao mundo exterior e o mundo interior fosse ignorado e ocorresse uma aderência tão profunda da identidade, do eu do indivíduo à persona constituída num determinado tempo e espaço, que esta acaba por se tornar enrijecida, funcionando patologicamente. Haveria individuação possível nesse contexto?

Há algo da pulsão de morte, em termos freudianos, nessa imagem. A pura repetição. Ser obrigado a “viver” agindo sempre da mesma maneira não seria a experiência de “morrer”?

O mundo em termos globais (fisicamente, socialmente, economicamente etc) se modifica, nós nos modificamos psicologicamente, em algum aspecto, a todo o momento. Nossa consciência está tendo que lidar com novas informações que vem

do mundo externo e do mundo interno, sendo que nosso inconsciente manda diversas informações, nos mais diversos formatos, sobre o que está nos acontecendo. Em qualquer momento pode acontecer o esgotamento de uma produção de trabalho que antes era vivida de forma satisfatória. O esgotamento ou o deterioramento do sentido do que se realiza num determinado ambiente de trabalho pode ocorrer a partir de mudanças no ambiente ou a partir de dentro do próprio indivíduo.

Podemos listar muitos exemplos de mudanças externas, tais como a troca financeira se tornando insuficiente, o lugar de trabalho sofrendo mudanças no comando ou em sua organização estrutural e de rotina, as demandas de volume ou qualidade do trabalho se tornando inviáveis, os tipos de vínculo (formal ou informal, por exemplo) se modificando etc. As exigências internas, no entanto, podem ser mais silenciosas e irracionais, e por isso mais reprimidas e negadas. Podem surgir na forma de sensações vagas de tédio, raiva, falta de identidade com o que se faz e trazem gradualmente a sensação de perda de sentido. Podemos facilmente imaginar alguém que esteja vivenciando assim essa imagem do mito desenvolvendo diversas patologias como depressão, mau-humor crônico, problemas de coluna e articulação ou dificuldades com a mobilidade, LER (lesão por esforços repetitivos), distúrbios de sono, estresse crônico... O que essas patologias poderiam comunicar?

Elas apontam para fora, certamente, expondo ambientes de trabalho inadequados, seja na maneira como são organizados e gestados, seja na sua ergonomia, enfim na falta de qualidade que oferecem nas condições de trabalho, mas também apontam para dentro. Frustração, angústia, e insatisfação pedem resposta. Acontece que, dar atenção para tais mudanças, também traz sofrimento. Mudar o olhar que se tem do mundo e de si mesmo pode levar à necessidade de mudar o movimento feito até então, sendo que a simples repetição é tão conhecida, previsível e confortável...

Neste sentido, uma acomodação extrema às condições de trabalho e a negação dos próprios incômodos interiores levariam, vendo a imagem de Sísifo enquanto repetidor estéril, a uma experiência do trabalho como inútil e mecânico?

Kast (1997), ao fazer sua análise do mito, sugere, dentre outras possibilidades interpretativas, que este seria o “mito do trabalho”, principalmente para pessoas na 2ª metade da vida, pois traz a sensação de frustração diante de um trabalho necessário mas improdutivo. Considera que a partir desse período da vida do indivíduo, boa parte do que se relaciona com o domínio do mundo exterior já teria sido aprendido e aplicado, ou seja, a pessoa já chegou nos seu “melhor possível” para a sociedade e o reconhecimento social passa a ser reduzido. Nesse momento se colocaria a questão da finitude e da decadência com a passagem do tempo. A experiência de Sísifo, assim, viria diante da não aceitação dessa finitude, na qual as grandes expectativas de conquista se frustram.

Mas podemos também avaliar outros lados da situação de Sísifo. A rotina também é, de muitas formas, necessária, pois organiza a vida, fornece uma idéia de estrutura da qual sabemos o que esperar e na qual não precisamos estar alertas, tensos ou na expectativa de algo. Também se observa que muitas coisas na existência da natureza e da humanidade se dão de forma repetida e que não é possível criar e inovar o tempo todo. O próprio trabalho, mesmo aquele com o qual a pessoa tem uma relação profunda de significado e realização, passa por períodos em que a experiência da repetição, tédio e desgaste acontecem. Pois sempre haverá uma relação de responsabilidade e obrigação que permeia a relação com o trabalho e, porque não dizer, com a vida. E sempre haverá dias em que não estaremos dispostos (física, mental ou espiritualmente) para enfrentar uma responsabilidade, já que somos limitadamente humanos e não heróis efetivos. Nesse sentido, mesmo

que mudemos de atitude, de pedra ou de montanha, sabemos que, de alguma forma, a experiência da repetição se colocará novamente nesse contexto... Imaginando Sísifo nesse outro sentido, podemos vê-lo perseverando em sua tarefa, já que não é realmente possível fugir da morte. Poderíamos assim ir além e refletir que o mais importante de todo o processo talvez não seja o objetivo mas sim o 'estar a caminho':

Os grandes problemas da vida nunca são resolvidos de maneira definitiva e total. [...] Parece-me que a significação e a finalidade de um problema não estão na sua solução, mas no fato de trabalharmos incessantemente sobre ele. É somente isto que nos preservará da estupidez e da petrificação. (JUNG, 2011a, p.350-1).

Podemos pensar que então, talvez, o desafio seja de observar se estamos na montanha certa, se nossa pedra é a mais adequada para as forças disponíveis no momento, se é possível aprendermos a dar um tempo na tarefa de vez em quando ou ainda, mais radicalmente, mudarmos de tarefa. Mas sabendo que sempre haverá uma a ser cumprida...

E talvez a grande pergunta, a maior de todas, a se fazer seja: o que eu faço tem algum sentido para mim? Pois a busca por uma resposta leva a uma auto-reflexão fundamental, pondo em movimento a gangorra psíquica, de dentro para fora e de volta para dentro, infinitamente... e apenas um forte senso de significado é capaz de fazer o homem suportar o que pareceria impossível.

Mas ainda ficam outras importantes perguntas tais como: os problemas estariam então mais dentro ou fora do indivíduo? E as soluções possíveis para tais conflitos?

A doença no trabalho, ou a relação doente com o trabalho seria uma cronificação de um papel social como a principal fonte de realização individual? Nesse sentido o indivíduo esperaria viver através do trabalho a satisfação de todas as suas necessidades e, isso sendo impossível, a frustração certa surge nessa forma? E/ou os ambientes de trabalho se tornaram tão agressivos, competitivos e instáveis, que não parece haver espaço para uma realização pessoal significativa e a tensão gerada pelo conflito se faz aparecer nos sintomas?

A visão das psicologias psicodinâmicas, nas quais incluímos a psicologia analítica, tendem a responder a estas questões analisando os processos a partir das dinâmicas do indivíduo e colocando nele as possíveis soluções para o conflito. Consideramos um desafio, no entanto, buscar um caminho intermediário, que valorize as possibilidades de autonomia e criatividade do indivíduo, mas que, ao mesmo tempo, não subestime o poder do social e suas demandas, muitas vezes perversas, sobre o desenvolvimento do ser humano em uma sociedade tão complexa quanto a nossa.

## Referências:

BERNARDI, C. *Individoação: do Eu para o Outro, Eticamente*. Disponível em: <<http://www.rubedo.psc.br/artigosb/jgetiind.htm>>. Acesso em 20 de julho 2011.

BRANDÃO, J.S. *Mitologia Grega*, Petrópolis: Vozes, vol I, 1998.

CATTANI, A.D.; HOLZMANN, L. *Dicionário de trabalho e tecnologia*. Porto Alegre: UFRGS, 2006.

HILLMAN, J. *Re-vendo a psicologia*. Petrópolis: Vozes, 2010.

HOUAISS, A. et al (Ed) *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

- JUNG, C.G. *Memórias, sonhos, reflexões*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1975.
- \_\_\_\_\_. *A energia psíquica*. Petrópolis: Vozes, 2012.
- \_\_\_\_\_. *A natureza da psique*. Petrópolis: Vozes, 2011a.
- \_\_\_\_\_. *O eu e o inconsciente*. Petrópolis: Vozes, 2011b.
- KAST, V. *Sísifo: a mesma pedra, um novo caminho*. São Paulo: Cultrix, 1997.
- LESSA, S. *O mundo dos homens: trabalho e ser social*. São Paulo: Boitempo, 2002.
- LIMA, L.M.A.C. Trabalho e identidade: uma reflexão à luz do debate sobre a centralidade do trabalho na sociedade contemporânea. *Revista Educação Tecnológica*, 12(3), 05-09, 2007.
- RIBEIRO, M. A. Estratégias micropolíticas para lidar com o desemprego: contribuições da Psicologia Social do Trabalho. *Revista de Psicologia Política*, 9(18), 2010, p.331-346.
- SAMUELS, A. et al. *Dicionário Crítico de Análise Junguiana*. Rio de Janeiro: Imago, 1988
- TARDAN-MASQUELIER, Y. *C.G.Jung: a sacralidade da experiência interior*. São Paulo: Paulus, 1994.
- WHITMONT, E. C. *A busca do símbolo*. São Paulo: Cultrix, 1995.